

## Os Sapos

**Manuel Bandeira**

Enviado por:

Publicado em : 11/10/2011 20:10:00

Os Sapos  
Enfunando os papos,  
Saem da penumbra,  
Aos pulos, os sapos.  
A luz os deslumbra.

Em ronco que aterra,  
Berra o sapo-boi:  
- "Meu pai foi à guerra!"  
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!".

O sapo-tanoeiro,  
Parnasiano aguado,  
Diz: - "Meu cancionero  
É bem martelado.

Vede como primo  
Em comer os hiatos!  
Que arte! E nunca rimo  
Os termos cognatos.

O meu verso é bom  
Frumento sem joio.  
Faço rimas com  
Consoantes de apoio.

Vai por cinqüenta anos  
Que lhes dei a norma:  
Reduzi sem danos  
A fôrmas a forma.

Clame a saparia  
Em críticas cétricas:  
Não há mais poesia,  
Mas há artes poéticas..."

Urra o sapo-boi:  
- "Meu pai foi rei!" - "Foi!"  
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!".

Brada em um assomo  
O sapo-tanoeiro:  
- A grande arte é como  
Lavor de joalheiro.

Ou bem de estatuário.  
Tudo quanto é belo,  
Tudo quanto é vário,  
Canta no martelo".

Outros, sapos-pipas  
(Um mal em si cabe),  
Falam pelas tripas,  
- "Sei!" - "Não sabe!" - "Sabe!".

Longe dessa grita,  
Lá onde mais densa  
A noite infinita  
Veste a sombra imensa;

Lá, fugido ao mundo,  
Sem glória, sem fé,  
No perau profundo  
E solitário, é

Que soluças tu,  
Transido de frio,  
Sapo-cururu  
Da beira do rio...